



## Entre a cruz e a espada: religião no mundo da tecnociência, do mercado e da mídia

Between the devil and the deep blue sea: religion in the world of technoscience, market and media.

Sinivaldo Silva Tavares\*

### Resumo

Vivemos, hoje, sob a hegemonia do paradigma tecnocêntrico, mercadológico e midiático. A Tecnociência, o Mercado e a Mídia se constituem em autênticos horizontes no interior dos quais se desvelam todos os âmbitos da experiência humana. Isso posto, o que o ser humano e a religião se tornam nessa nova situação epocal? A Tecnociência tornou-se horizonte de compreensão do ser humano em relação ao mundo e si próprio. Não apenas nossos estilos de vida, nosso modo de trabalhar e viver, são condicionados pela técnica, mas também nossa identidade mais profunda é dada pela diferença técnica. Somos ainda vítimas da “absolutização do Mercado”: uma autêntica mercantilização da vida e, portanto, também da cultura e da religião. O mercado vai se impondo como único cenário de nossa trama civilizacional atual. Nossos fluxos vitais e também os valores e símbolos culturais e religiosos se tornam mercadoria de consumo e de descarte. Em tal contexto, a religião corre o risco de ser acometida por um duplo reducionismo. Esse tem sido o preço que a religião decidiu pagar em troca do direito de cidadania em um mundo dominado pela Tecnociência, pelo Mercado e pela Mídia.

**Palavras-Chave:** Tecnociência. Mercado. Mídia. Religião. Mercantilização da vida. Absolutização do Mercado.

### Abstract

We live, today, under the hegemony of a techno-centric, market-based and mediatic paradigm. Techno-science, the Market and the Mass Media are authentic horizons, in the interior of which are uncovered all of the scopes of the human experience. That said, what does human kind and religion become in this new era? Techno-science has become a horizon of comprehension of man regarding the world and himself. Not only our lifestyles, and our way of life and work, are conditioned by technology, but also our deeper identity is lost by the technical difference. We are still victims of the “absolutization of the market”: an authentic mercantilization of life and, therefore, culture and religion. The market presents itself as the only setting of our present civilization’s story line. Our vital fluctuations, as well as the values and religious and cultural symbols become merchandise to consume and discard. In such a context, religion runs the risk of being attacked by a double reductionism. This has been the price that religion decided to pay in exchange for the right of citizenship in a world dominated by techno-science, by the market and by the Mass Media.

**Keywords:** Techno-science. Market. Mass Media. Religion. Mercantilization of life. Absolutization of the market.

---

Artigo recebido em 28 de abril de 2014 e aprovado em 11 de Junho de 2014.

\* Doutor em Teologia Sistemática. Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. País de origem: Brasil. E-mail: freisinivaldo@gmail.com.

## Introdução

O objetivo que nos propomos aqui é analisar a situação da religião no mundo da Tecnociência, do Mercado e da Mídia. Nisso consiste precisamente a originalidade da presente reflexão: considerar a religião no bojo desse atual paradigma hegemônico. Muito já se escreveu sobre a religião no mundo moderno cujas características principais eram: pensamento científico-técnico, economia de mercado e forte influência dos meios de comunicação social (MCS). São duas situações radicalmente diferentes. A hipótese que desenvolveremos ao longo deste artigo é que, no atual contexto, a religião corre o risco de sucumbir diante de duplo *reducionismo*: reduzir-se a simples mercadoria; reduzir-se à condição de mera funcionalidade. Embora forte, o termo *reducionismo* foi intencionalmente elegido para exprimir essa situação deveras delicada. Em ambos os casos, simples mercadoria ou mera funcionalidade, a religião se submeteria a processos alheios, contraditórios até, a seus princípios básicos. Daí a escolha da metáfora *entre a cruz e a espada* para título deste artigo. Segundo nos parece, esse duplo *reducionismo* seria o altíssimo preço que a religião tem pagado para se autoafirmar num mundo fortemente condicionado pelo Mercado, pela Mídia e pela Tecnociência.

### Questão prévia: O que entendemos aqui por *religião*?

A religião constitui terreno extremamente complexo. Ciente de tamanha complexidade, acolhemos a distinção proposta por J.B. Libanio entre religião, religiosidade e fé (LIBANIO, 2002, p. 87-110). Esta distinção se faz imprescindível sobretudo se se têm presentes a semelhança entre os campos semânticos e a confusão na linguagem comum. De fato, no nível real e concreto, percebe-se uma forte imbricação entre religião, religiosidade e fé. Todavia, para que essa reciprocidade de relações seja potencializada tornando o real momento religioso melhor compreendido é fundamental distinguir os respectivos campos semânticos

de religião, religiosidade e fé. Eles não se identificam *tout court*. Ao contrário, testemunham originalidade e singularidades próprias. Isso posto, "O sentido-base mínimo da religião vincula-se a experiências, expressões vinculadas a uma tradição e comunidade espiritual" (LIBANIO, 2002, p. 91).

Outra caracterização de religião muito próxima à de Libanio é-nos oferecida pelo teólogo Hans Küng:

Religião é a realização socioindividual (em doutrina, costume, frequentemente ritos) de uma relação do homem com algo que o transcende e a seu mundo, ou que abrange todo o mundo, que se desdobra dentro de uma tradição e de uma comunidade. É a realização de uma relação do homem com uma realidade verdadeira e suprema, seja ela compreendida da maneira que for (Deus, o Absoluto, Nirvana, Shûnyatâ, Tao). Tradição e comunidade são dimensões básicas para todas as grandes religiões: doutrina, costumes e ritos são suas funções básicas; transcendência (para cima ou para dentro, no espaço e/ou no tempo, como salvação, iluminação ou libertação) é sua preocupação básica (KÜNG, 1986, p. 8).

Poderíamos enumerar, a partir de ambas as caracterizações, alguns elementos constitutivos da religião como tal: indicação de caminhos da razão e da experiência humana para ligar-se com o divino, sistema de representação, de orientação e de normatividade, tradição e comunidade como dimensões básicas. Religião seria, em suma, "o lado objetivo e social da experiência religiosa" (LIBANIO, 2002, 99).

## **1 A religião reduzida a simples mercadoria**

### **1.1 A "mercantilização da vida"**

Entre surpresos e perplexos, constatamos um processo em curso descrito como "absolutização do Mercado". Referimo-nos aqui àquela "grande transformação" descrita por Karl Polanyi como passagem da "economia de mercado" para a "sociedade de mercado" (POLANYI, 2000). O Mercado vai se

impondo sempre mais como único cenário de nossa trama civilizacional atual. Esta nova configuração produz um fenômeno correlato: a “mercantilização da vida”. Em que consistiria propriamente esse processo? Nossos fluxos vitais e, de conseqüência, os valores e símbolos culturais e religiosos, são reduzidos impiedosamente a simples mercadorias de consumo e de descarte. Analistas agudos tem se debruçado sobre esses fenômenos que tem acometido nossas sociedades contemporâneas (LIPOVETSKY, 2006; BAUMAN, 2008; ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989; MO SUNG, 1989).

A origem de tais fenômenos talvez deva ser buscada no bojo do Capitalismo ocidental em sua fase recente. Para caracterizá-la empregam-se os adjetivos: imaterial, simbólico e cognitivo. A *imaterialidade* remeteria à transformação da cultura material ocorrida no interior do próprio sistema capitalista. Exige-se, atualmente, cada vez menos trabalho para a confecção material dos produtos, fazendo com que o custo se fragilize e, portanto, o preço das mercadorias caia. Para conter essa baixa de preços, as empresas transformam seus produtos materiais em bens imateriais, afetivos, estéticos, simbólicos.

Capitalismo *simbólico* porque o que conta agora não é tanto a utilidade prática do produto quanto o simbolismo do qual ele foi revestido pelo Mercado e pela Mídia. O que importa, no capitalismo atual, é investir no desejo subjetivo do consumidor de alcançar, mediante o consumo de determinados produtos, prestígio, personalidade, autoafirmação identitária. E, por fim, Capitalismo *cognitivo* porque o valor da mercadoria não é estabelecido apenas em função da força de trabalho e do tempo investidos na transformação da matéria prima em produto. Nessa nova fase, os preços referem-se, sobretudo, ao acúmulo de conhecimento embutido no produto final a ser consumido.

Portanto, mediante a queda do valor real dos produtos materiais e o aumento artificial do valor de troca do imaterial, do simbólico e do cognitivo, verifica-se, em última análise, o desmoronamento dos fundamentos da clássica

economia política: conhecimento, trabalho material e capital. Ingressamos assim em nova fase do Capitalismo ocidental. Não mais capitalismo de produção, mas, agora, capitalismo de consumo. Em tal contexto, compreende-se a busca frenética por mercantilizar tudo, mediante o exacerbado inflacionamento das mercadorias visando ao consumo cada vez maior. Se antes, na era industrial, exigiam-se, na forte expressão de Michel Foucault, “corpos dóceis, disponíveis e úteis”, hoje interessam “almas capacitadas”, subjetividades munidas das qualidades mais cotadas e apreciadas no mercado de trabalho. Em sua nova fase, portanto, interessa ao capitalismo a produção de subjetividades consumidoras. E para incrementar o consumo e o apetite dos sujeitos consumidores é imprescindível que se invista no “fetichismo da mercadoria”.

Tais processos têm se verificado sob o pressuposto da crescente supremacia do Mercado na administração dos fluxos vitais. Em nossos dias, tem se concebido e definido a vida como produto, uma simples mercadoria. Numa palavra, a vida tem se tornado mera invenção humana. E isso graças à inaudita capacidade do capitalismo do século XXI de operar um autêntico seqüestro simbólico das forças vitais. Ele não apenas captura tais forças como também consegue reciclar as resistências a esse seqüestro mediante a produção de *slogans* publicitários e mercadorias a serem consumidas. Até mesmo nossas bandeiras alternativas tem se tornado objeto de publicidade e, conseqüentemente, reduzidas a mercadorias sedutoras.

Com base em tais análises, o capitalismo neoliberal estaria ultimando sua hegemonia global. Na medida em que vem conseguindo transformar a vida e, portanto, também os valores e símbolos culturais e religiosos, em mercadoria de consumo e de descarte, o capitalismo neoliberal tem consolidado sua hegemonia sobre nossa inteira civilização. Referindo-se a esse expediente, João Batista Libanio formulou um expressivo trocadilho: “A religião se faz neoliberal e o neoliberalismo se faz religião” (LIBANIO, 2002, p. 152-159). E o que é mais preocupante ainda: esse processo tem se dado também no seio das tradições religiosas multimilenárias.

## 1.2 A “mídiação da vida”

Falávamos acima de um processo de fetichização das mercadorias. Igual processo atinge o âmbito da religião, em particular, reduzindo seus valores e símbolos em mercadorias religiosas. O Capitalismo de consumo tem invadido o universo religioso com uma voracidade selvagem. E a Mídia tem desempenhado uma função importantíssima nesse processo de fetichização. Aliás, no que se refere mais especificamente à Mídia, verifica-se, em nossos dias, uma passagem deveras significativa. Antes falávamos de Meios de Comunicação Social (MCS), porque de fato, se tratava de meios através dos quais emissores comunicavam mensagens a eventuais receptores. Hoje, falamos em Mídia e não mais em simples meios de comunicação. O termo Mídia nos remete a um horizonte a partir do qual compreender a totalidade dos fenômenos, uma autêntica mundividência.

Mesmo ostentando uma pretensa neutralidade asséptica, a Mídia não transmite informações de forma objetiva. No ato mesmo da transmissão ela constrói realidades. E ao fazê-lo, ainda que de maneira sutil, trai sua posição face ao que transmite. Assim, por exemplo, no curso de semanas ou até mesmo de dias, a Mídia transforma um estadista eleito segundo as regras democráticas em um ditador tirano no ato mesmo de transmitir notícias pretensamente objetivas sobre o mesmo. E isso se passa a despeito de tão propalada isenção da Mídia na transmissão de notícias.

A Mídia se tornou, ademais, um mundo fora do qual não se pode mais viver. Não se pode mais prescindir desse mundo midiático. Tem se tornado impossível uma experiência diferente da proposta pela Mídia que, ao transmitir, constrói fatos e situações mediante sua interpretação interessada. E a combinação entre Mercado e Mídia tem se revelado profundamente eficiente; os interesses escusos do Mercado são veiculados na Mídia em seu caráter profundamente sedutor. Excelentes estudos têm mostrado uma forte cumplicidade entre Mídia e Mercado na criação e manutenção dos processos descritos acima, tais como: “absolutização do Mercado”,

“mercantilização da vida”, “fetichização da mercadoria” (MOREIRA, 2012; MOREIRA; LEMOS; QUADROS, 2012; ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989; MO SUNG, 1989).

### 1.3 A religião a serviço dos interesses do Mercado e da Mídia

Nossa época encontra-se marcada por um fenômeno que se convencionou chamar de “epifania do divino”. Surpresos, na verdade, assistimos a fenômenos que deixam transparecer um visível “excesso de crença” (LIBANIO, 2001). Essa parece constituir a atmosfera vital de nossa cultura contemporânea. A “subjetivação da fé” ou “privatização do religioso” se caracteriza fundamentalmente por uma religiosidade difusa, cujo resultado mais significativo parece ser a instrumentalização da religião em função de interesses e de necessidades individuais. Constata-se assim uma religiosidade sem nenhuma exigência de conversão, sem qualquer intervenção externa capaz de provocar no fiel um processo de adesão incondicional a Deus, expresso na busca de conformidade maior à sua vontade. Perde-se o sentido da fé como atitude obediencial a Deus.

Esta específica experiência do sagrado toca antes a superficialidade dos sentimentos e das emoções, deixando, ao contrário, intactas aquelas estruturas existenciais mais íntimas do ser humano. Trata-se, ademais, de uma religiosidade sem nenhuma objetividade; os preceitos objetivos das tradições religiosas são considerados por demais *hard*. Deseja-se agora, neste novo quadro referencial, uma religiosidade de caráter mais *light*, onde as necessidades e carências individuais passam a ocupar lugar de relevo.

Esta situação agrava-se ainda mais quando considerada na sua estreita relação com o consumismo. A “privatização da fé” serviu como uma luva aos interesses econômicos da sociedade de consumo. A testemunhar esta espécie de “instrumentalização consumista do religioso” estão tantas iniciativas propostas com frequência em tais ambientes. Não por acaso, tem se falado com bastante

frequência, nos últimos tempos, de “religião de mercado” (LUZ, 2000; LIBANIO, 2002, p. 152-159).

A Mídia tem desempenhado um papel importantíssimo no processo de fetichização das mercadorias religiosas. O mercado parece ter descoberto, finalmente, um imenso terreno virgem. Por isso, com inaudita voracidade ele tem investido no fetichismo das mercadorias simbólico-religiosas, explorando ao máximo o profundo desejo religioso de imensas maiorias da população. Grande parte dos líderes religiosos tem se deixado seduzir pelas ofertas do mercado, acreditando serem eles, os protagonistas de um autêntico *revival* religioso. Grande ilusão, segundo nos parece. Em vez de protagonistas, eles estão se submetendo, conscientemente ou não, às seduções de um mercado que reduz os símbolos religiosos a meras mercadorias de consumo, obedecendo a interesses escusos.

## **2 A religião reduzida a mera funcionalidade**

### **2.1 A “Tecnociência” como paradigma hegemônico**

No interior do paradigma moderno, marcadamente antropocêntrico, atestava-se uma correlação entre “vontade de poder” do ser humano, concebido como sujeito, e “desencantamento do mundo”, considerado como mero objeto à mercê do sujeito. As coisas eram vistas pelo ser humano apenas na sua utilidade. Preso, portanto, ao próprio interesse e à imagem de si, o ser humano em seu afã de controle se limitava a manter relações meramente funcionais e utilitárias. Nesse sentido, ele se auto-afirmava contra as coisas, consideradas estranhas a si, isto é, objetos a serem submetidos ou eliminados.

Em tal contexto, a técnica era utilizada pelo ser humano como instrumento privilegiado na consolidação de seu saber como poder. Com razão, se dizia que a técnica nada mais era que ciência aplicada. De fato, a técnica se prestava, na

condição de instrumento, a esse domínio do sujeito pensante sobre os demais seres considerados meros objetos mensuráveis. Concebida como mero instrumento, a técnica era vista como emanção do sujeito, vale dizer, extensão de seus membros visando a potencialização de seu domínio sobre as coisas. Numa palavra, a técnica era considerada mero instrumento à disposição do ser humano no seu controle dos objetos que encontrava diante de si.

Desde algumas décadas, estamos assistindo a uma expansão vertiginosa das novas tecnologias a ponto de caracterizar uma autêntica virada epocal: da idade da técnica para a era da Tecnociência. Seria mesmo legítimo postular uma mudança de época? Afinal, o fato de o poder das novas tecnologias alcançarem dimensões planetárias não seria um desdobramento inerente à própria técnica, uma vez que todo controle encarnaria pretensões de totalidade? As tecnologias contemporâneas não estariam apenas levando às últimas conseqüências o intento moderno do saber como poder?

De mero instrumento de dominação à disposição do ser humano, qual era a técnica, percebemos que a Tecnociência tornou-se horizonte último no interior do qual se desvelam todos os âmbitos da experiência, chegando a condicionar inclusive a maneira de o próprio ser humano se autoconceber. Fala-se, a tal propósito, da co-presença de dois processos simultâneos: a “emergência da tecnosfera” e o “deslocamento da subjetividade”. Concebe-se o termo “tecnosfera” como uma espécie de horizonte no interior do qual se produzem novas mentalidades e visões de mundo. Supera-se, por exemplo, aquela visão mecanicista e geométrica da física clássica e sua função domesticadora. Agora, na era da Tecnociência, a natureza é decomposta e, afinal, recriada segundo os moldes da ciência informática e da biologia molecular. Em outras palavras, as novas tecnologias não são mais meros instrumentos a serviço do ser humano na perseguição de determinados fins. Elas se tornaram, para todos os efeitos, produtoras de necessidades das quais o ser humano se torna cada vez mais dependente.

Fala-se em “deslocamento da subjetividade” pelo fato de que o ser humano, nas contundentes palavras do filósofo italiano, Umberto Galimberti, “não é mais sujeito, mas algo disposto no horizonte desvelado pela Tecnociência, que é, afinal, o que decide o modo de ele se perceber, sentir, pensar e projetar” (GALIMBERTI, 2006, p. 383). O ser humano não é mais capaz de se perceber fora do mundo disposto pela Tecnociência, uma vez que ela se tornou o ambiente no qual o ser humano chega ao conhecimento de si. Por essa razão, justifica-se o uso do termo “Tecnociência” em vez de “técnica” simplesmente ou do adjetivo “científico-técnico”. A Tecnociência tornou-se o horizonte de fundo dentro do qual a própria ciência encontra ou não sua legitimidade (GALIMBERTI, 2006, p. 391-393).

A constatação da simultaneidade dos processos de “emergência da tecnosfera” e de “deslocamento da subjetividade” justificaria por si só a necessidade de uma hermenêutica própria para se compreender o fenômeno da Tecnociência. Não se poderia, a rigor, continuar falando de um mundo à medida do ser humano; dever-se-ia, pelo contrário, falar agora de um ser humano à medida do mundo. A relação entre Tecnociência e ser humano se torna mais complexa ainda quando se têm presentes os recentes processos de hibridização entre ambos. As novas tecnologias não se contrapõem ao ser humano. Em sua autonomia, elas se tornam capazes de integrar o ser humano em seu aparato técnico. E, a partir daí, cria-se o sistema homem-máquina no interior do qual os comportamentos humanos se reduzem a partes de máquinas que, por sua vez, passam a ser reguladas pelas tecnologias. Com razão, escreve R. Marchesini:

A tecnologia transforma a epistêmica humana, importa modelos não-humanos na dimensão, modifica a percepção formativa que o homem tem de si mesmo, facilita os processos de trocas referenciais com o não-humano; enfim conjuga e hibridiza, não separa nem purifica, antropodescentraliza e não reforça o pensamento antropocentrado (MARCHESINI, 2009, p. 155-156).

Em tal caso, a tecnologia se torna parceira do ser humano uma vez que ela modifica não apenas seu perfil, mas também sua própria constituição biológica. O

que nos faz pensar que, no final das contas, toda tecnologia seria de fato uma biotecnologia. Nesse sentido, a tecnologia abre-nos para o mundo na exata proporção em que facilita os processos híbridos entre humanos e não-humanos. De fato, a tecnologia penetra no interior do ser humano a ponto de se tornar, para todos os efeitos, sua carne. E assim, o corpo humano se transforma num verdadeiro campo de aplicação das novas tecnologias e essa hibridização tem se dado numa aceleração crescente com profundas modificações no tocante aos predicados e atributos humanos.

Considerando, enfim, que a Tecnociência, em nossos dias, se tornou horizonte imprescindível de compreensão do ser humano em relação ao mundo e a si próprio, então talvez fosse o caso de nos perguntarmos: o que o ser humano e a religião se tornam nessa situação epocal desvelada pelas novas tecnologias? Talvez seja também importante lembrar, em tal caso, que a Tecnociência se encontra condicionada fundamentalmente tanto pela experimentabilidade ilimitada quanto pela manipulabilidade infinita. Nesse sentido, não apenas nossos estilos de vida, nosso modo de trabalhar e viver, são condicionados pelas tecnologias, mas também nossa identidade mais profunda é condicionada pela diferença tecnológica. E, nesta radical reviravolta, somos postos diante de uma questão dificilmente contornável não mais o que nós poderemos fazer com a tecnologia, mas o que as tecnologias podem fazer de nós.

## **2.2 A absolutização dos meios em detrimento dos fins**

Uma das conseqüências do paradigma da Tecnociência é perceptível no tocante à relação entre meios e fins. Verifica-se, aqui, uma total inversão nessa clássica relação. Nenhum fim justifica mais os meios, na tecnosfera só os meios justificam os fins. Na ambiência inaugurada pela Tecnociência não se propõem mais fins. O que move as novas tecnologias é o princípio de autopotenciamento, vale dizer, crescer sobre os próprios resultados. Aqui reside propriamente sua maior incidência sobre a atualidade. Considerando-se finalidade em si mesma, a

Tecnociência assume como seu princípio regulador o imperativo categórico: faça tudo o que é possível fazer. Assim sendo, as tecnologias não respondem a nenhum outro fim ou princípio que não seja o da realização das próprias possibilidades.

Embora muitos de nós ainda projetemos nas novas tecnologias expectativas messiânicas, é forçoso admitir que, na realidade, elas simplesmente não nos redimem, nem são capazes de nos salvar (FELINTO, 2005). Elas apenas crescem, melhor dizendo, incham, inflacionam-se, expandem-se em benefício próprio. O único limite para as novas tecnologias é o estado atual dos resultados alcançados. Por essa razão, são cada vez mais frequentes entre nós expressões como: “isso ainda não é possível, mas, com toda a certeza, em um futuro próximo, o será”. Percebe-se, portanto, que esse limite pode ser deslocado *ad infinitum*. As tecnologias operam, tendo como escopo único seu próprio potenciamento. As tecnologias se tornam, assim, finalidade em si mesma. Nesse sentido, as tecnologias se encontram livres de qualquer amarra. Elas se apresentam, para todos os efeitos, como sendo “ab-solutas”, no sentido etimológico do termo, *solutus ab*, “livre de qualquer laço”, onde laço pode ser entendido como horizonte de fins, produção de sentido, limite ou condicionamento. É o que, de forma contundente, afirma G. Anders:

Já há muito tempo que se vinha preparando a degeneração da dupla conceitual *meio-fim*. Quaisquer que tenham sido as fases desse processo, meio e fim, trocaram de papéis: *a fabricação de meios tornou-se, hoje, o fim da nossa existência*. E se busca frequentemente (em todos os países, porque a evolução é geral) justificar coisas que antes tinham valor de fim (finalidade), demonstrando que podem ser usadas, sem dúvida, como meio se com ótimos resultados (por exemplo: a distração e o amor, até a religião). [...] O que não pode provar ser um meio, não tem acesso ao hodierno cosmo de objetos. Por isso: justamente porque não são meios, os fins são considerados *desprovidos de objetivo*. *O objetivo dos objetivos consiste, hoje, em ser meios dos meios*. É simplesmente um dado de fato. E a formulação é paradoxal, somente porque o fato é paradoxal (ANDERS, 1963, p. 250).

O autor utiliza expressões fortes e paradoxais para caracterizar essa inversão entre a clássica relação entre fins e meios. São formulações paradoxais porque a realidade à qual se referem é deveras paradoxal.

### 2.3 A religião dentro dos estreitos limites da funcionalidade

Tendo como pressupostos o que desenvolvemos nos dois parágrafos anteriores, ousaríamos explicitar a seguinte questão: não estariam as religiões engolindo a isca que lhes é lançada pela atual civilização da Tecnociência, do Mercado e da Mídia? Sujeitar-se às condições que lhes são impostas, de forma velada, de se circunscrever aos estreitos limites da mera funcionalidade não seria sacrificar justamente aquilo que as constitui enquanto religião propriamente? Trata-se de uma questão crucial para o presente e o futuro da religião em nossas sociedades. De fato, aquelas dimensões constitutivas das grandes tradições religiosas são postas em crise pelo paradigma da Tecnociência. Isso se verifica, por exemplo, no âmbito da Ética, na relação com o tempo, na concepção de valores, do sentido da vida e da própria verdade como tal.

#### 2.3.1 “impotência da ética”

Encontramo-nos hoje em uma situação de verdadeira impotência da ética. De fato, a ética se descobre incapaz de impedir a tecnologia na efetivação de suas possibilidades. Tudo o que é possível de ser feito parece ter assumido, em nossos dias, legitimidade e, portanto, passa a ser buscado mediante uma espécie de compulsão obsessiva. No bojo do paradigma moderno – antropocêntrico e científico-técnico – os meios eram empregados para se atingir determinados fins. Naquele contexto, mediante a clássica relação entre instrumentalidade e finalidade, garantia-se uma composição relativamente harmônica entre técnicas e ética. Enquanto a ética se destinava às finalidades últimas, as técnicas se ocupavam dos meios adequados para atingi-las. Era, portanto, a ética que promovia a técnica, enquanto tocava-lhe a decisão referente aos fins que deviam, por seu turno, orientar os processos técnicos.

Em nossos dias, essa situação parece ter se invertido. A Tecnociência não necessita mais da ética para lhe prescrever as regras e as finalidades de seu operar.

A ética se descobre condicionada pela Tecnociência no sentido de se sentir constrangida a tomar parte de uma realidade artificial. Os fins passam a ser, agora, os resultados dos procedimentos técnicos. O fazer concebido como simples produção de resultados assume o primado sobre o agir concebido como escolha e decisão dos fins. A ética, por sua vez, encontra diante de si os resultados dos procedimentos técnicos e, sem tê-los escolhido, não consegue mais prescindir dos mesmos.

Na “Idade da Tecnociência”, constata-se o primado de um fazer afinalista. Pressionada pela criação de um mundo cada vez mais artificial, produto das tecnologias contemporâneas, a ética não pode mais dispor de outro referente a não ser a produção técnica contínua. Por caracterizar-se como um fazer afinalista, ele também se revela, ao fim e ao cabo, como impessoal. Em nossos dias, os efeitos desse fazer não são fruto de decisões tomadas pelo agir humano. São, ao contrário, resultados de procedimentos e métodos já em andamento e que tem no saber acumulado, sua única base. Nesse sentido, as tecnologias seguem o seguinte raciocínio: os resultados vão se acumulando ao longo de e mediante os próprios procedimentos de tal forma que os efeitos não possam mais ser reconduzidos aos agentes iniciais.

Nossas éticas, amadurecidas no seio da tradição ocidental tinham sem exceção, um referente diverso: cosmológico (Antiguidade Clássica), teológico (Idade Média), antropológico ou ideológico (Modernidade). Justamente por seu caráter religioso ou humanista é que tais éticas se encontram hoje numa situação de inelutável impotência. Elas não conseguem transpor o universo das relações intersubjetivas para alcançar uma realidade artificial que tem pretensões de universalidade e cuja extensão é, para todos os efeitos, planetária.

Nesse sentido, mesmo tentativas recentes de se propor éticas que acolham os grandes desafios que nos são postos hoje esbarram nessa condicionante antropocêntrica e/ou religiosa. Segundo nos parece, esse é o caso da “Ética da

responsabilidade” proposta por Hans Jonas (JONAS, 2006), da “Ética comunicativo-discursiva” de Habermas (HABERMAS, 2003) e, por fim, da “Ética Global” do teólogo suíço Hans Küng (KÜNG, 1992). Na medida em que a referência fundamental para a construção da ética ainda é o ser humano (primeiro e segundo casos) ou a religião (terceiro caso), encontramos-nos ainda referidos ao paradigma antropocêntrico, típico da modernidade ocidental científico-técnica.

Ao propor-nos um esboço de “ética planetária” (BOFF, 2001; 2003; 2005; 2008, p. 165-179; 2012), Leonardo Boff talvez seja o único que, de fato, acolha os desafios postos pela assim chamada crise ecológica, compreendida como uma crise sistêmica, vale dizer, crise do paradigma civilizacional hegemônico. Por isso mesmo, ele propõe uma ética que se situe no bojo de um novo e emergente paradigma, o ecológico (BOFF, 1995; HATHAWAY; BOFF, 2009).

Uma possível alternativa às éticas amadurecidas no bojo da tradição ocidental talvez pudesse ser proposta a partir da revisitação de experiências e princípios éticos de nossos povos ameríndios como fizeram, recentemente, as Constituições Plurinacionais dos Estados da Bolívia e do Equador. Ambas as Constituições se inspiraram em princípios éticos das nações e povos Aimara, Quéchua e Guarani para elaborarem suas atuais Cartas Magnas. A Constituição do Estado Plurinacional do Equador reconhece os direitos da Terra enquanto superorganismo, elaborando leis que tutelem a justiça ecológica e punam os responsáveis por delitos ambientais. A Constituição da Bolívia recupera e recria o “Bem viver” como princípio ético fundamental de seu Estado Plurinacional. “Bem viver” não é o mesmo que “Viver bem” entendido como “viver melhor”, lema de nossas civilizações ocidentais consumistas. “Bem Viver” implica em: priorizar a vida, retomar a unidade de todos os povos, aceitando e respeitando as diferenças entre os seres que vivem no mesmo planeta e priorizando os direitos cósmicos (ACOSTA; MARTÍNEZ, 2009a; 2009b e 2011).

### 2.3.2 O “fim da História” ou o “crepúsculo do tempo”

Outra dimensão constitutiva de praticamente todas as tradições religiosas é sua peculiar concepção de tempo. Algumas tradições o concebem como cíclico; para outras ele é linear; para outras ainda, como é o caso da tradição bíblica, o tempo é escatológico. Há autores que insistem em interpretar o “nosso tempo” caracterizando-o com expressões fortes como, por exemplo, “fim da história” ou “crepúsculo do tempo” (FUKUYAMA, 1992). Tratar-se-ia de conceber a contemporaneidade como fim ou crepúsculo da história concebida como tempo dotado de sentido. Nesse caso, nega-se por completo a história enquanto narrativa que se tece ao redor de sentidos - construídos, desconstruídos e reconstruídos - em torno a seus três referenciais constitutivos: passado, presente e futuro.

A Tecnociência propicia uma relação deveras peculiar para com o tempo. Somos, na verdade, sufocados pelo assim chamado “presentismo”, vale dizer, pela expansão do presente que abraça a totalidade do tempo mediante seus tentáculos ameaçadores. O passado se perde na insignificância do “ultrapassado”, enquanto o futuro se resolve no “previsto” mediante o “aperfeiçoamento” dos procedimentos tecnológicos. O único tempo reconhecido pelas novas tecnologias é aquele que separa seus produtos em 1ª, 2ª, 3ª, última geração. Ademais, testemunhamos um processo de aceleração crescente do tempo expresso na insistência em circunscrevê-lo ao âmbito da mera quantidade. Ouve-se, hoje, falar muito de desenvolvimento e em crescimento. Através de ambos os termos, o tempo parece esgotar-se na dimensão do quantitativo, mensurável, cronológico. Não se percebe nele algum traço de intensidade. Na idade da Tecnociência, encontramos-nos enredados nas malhas sedutoras do *krónos*: aquele tempo cujo ritmo é avassalador, pois vai arrastando sem piedade tudo o que encontra diante de si. As tecnologias consignam o tempo a seus resultados e nada mais.

### 2.3.3 A “eficiência”: critério decisivo de valor, de sentido e de verdade

Se, de fato, a tecnociência se tornou uma espécie de ambiência na qual o ser humano chega ao conhecimento de si e do mundo no qual vive, isso significa que é a partir desse horizonte de fundo que os seres humanos percebem, pensam e expressam suas relações básicas: consigo mesmo, com seus semelhantes, com o mundo em que vivem e conseqüentemente com tudo o que se situa na esfera do religioso. Nesse contexto emergem situações que caracterizaríamos como verdadeiros sintomas dessa nova ambiência promovida pela tecnociência. A cultura do narcisismo, por exemplo, onde a liberdade da auto-realização é confundida com a impossibilidade de sair do horizonte do eu. Outro exemplo poderia ser a situação de monólogo produzida pela linguagem mediática de hoje.

Nessa nova configuração, a existência das pessoas tomadas singularmente só se justificaria com base na habilidade técnica e capacidade produtiva dessa mesma pessoa. Nesse caso, a identidade de uma pessoa se resolveria na sua funcionalidade. Em outros termos, seu valor residiria na própria competência e profissionalismo. E isso porque a tecnociência reconhece como valor supremo e inquestionável a eficiência.

A própria concepção de verdade se encontra, no “mundo da tecnologia”, condicionada pela noção de eficácia. A verdade da técnica é, para todos os efeitos, funcional. Verdadeiro é o que surte efeito em termos reais, isto é, funcionais. Não mais interessa a busca do conhecimento pelo conhecimento, mas sim do conhecimento utilizável. Trata-se da redução do *logos* à sua dimensão tecno-lógica (*téchne* + *logos*). Testemunha-se, portanto, a hegemonia da razão instrumental que, por sua vez, produz um processo duplo e simultâneo de desumanização da pessoa e de desnaturalização da natureza. Em seu exercício, opera-se a tradução dos fins em resultados, o primado do “ser-assim” sobre o “dever-ser”; a redução do desconhecido a incógnita matemática e, enfim, a submissão da novidade à ordem da previsão.

## Conclusão

Se, de fato, nossa tese é pertinente, faz-se necessário instaurar um processo de discernimento da religião enquanto tal. Pressuposta sua condição de mediadora, inscrita em sua própria constituição etimológica (re+ligare), a religião jamais poderá se sentir “desobrigada” de participar do amplo debate acerca das questões cruciais do “nosso tempo”: a dignidade inalienável do ser humano, a justiça, a participação e a inclusão sociais e, enfim, o destino da vida em nosso planeta.

E isso porque a religião talvez seja a única capaz de religar, como exprime a própria etimologia da palavra, os fios rompidos dessa complexa teia do nosso mundo. Nesse sentido, o universo religioso se constitui em espaço privilegiado para se furtar a essa onipotência esmagadora das novas tecnologias, do mercado e da mídia, desmascarando seus tentáculos opressores e seus interesses escusos. Se a incumbência da religião é reconstruir a partir das ruínas, a de coser de novo a partir das dilacerações e fragmentações, então como fazê-lo senão procurando resgatar sua dimensão intrinsecamente religiosa?

Nesse sentido, estamos convencidos de que as religiões têm diante de si uma incumbência singular: repensar o risco e a importância dessa dimensão ambígua e paradoxal do ser humano que se reflete na esfera do religioso. E para que tal incumbência seja levada a cabo é fundamental que as religiões assumam o perfil que as faz ser o que elas, de fato, são chamadas a ser: a instância de discernimento da religião (RUBENS, 2004).

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, A.; MARTÍNEZ, E. **Derechos de la Naturaleza**. El futuro es ahora. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009.

ACOSTA, A.; MARTÍNEZ, E. **El Buen Vivir**. Uma via para el desarrollo. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009.

ACOSTA, A.; MARTÍNEZ, E. **La Naturaleza com Derechos**. De la filosofía a la política. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2011.

ANDERS, G. **L' uomo è antiquato**. Considerazioni sull' anima nell' era della seconda rivoluzione industriale. Il Saggiatore, Milão, 1963.

ASSMANN, H.; HINKELAMMERT, F. **A idolatria do Mercado**. Ensaio sobre economia e teologia. São Paulo: Paulinas, 1989.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOFF, L. A busca de um *ethos* planetário. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte. v. 40, n. 111, p. 165-179, 2008.

BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Atica, 1995.

BOFF, L. **Ethos mundial**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, L. **Ética da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

BOFF, L. **Ética e eco- espiritualidade**. Campinas: Verus, 2001.

BOFF, L. **O Cuidado necessário**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FELINTO, E. **A Religião das Máquinas**. Ensaio sobre o imaginário da Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GALIMBERTI, U. **Psiche e techne**. O homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006.

GARCÍA CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

GARCÍA CANCLINI, N. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

GORZ, A. A crise e o êxodo da sociedade salarial. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, n. 31, 2005. Disponível em: <<http://www.alterinfos.org/spip.php?article6061>>. Acesso em: 02 abril 2014.

GORZ, A. **O imaterial**. Annablume, São Paulo, 2005.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

- HATHAWAY, M.; BOFF, L. **O Tao da Libertação**. Explorando a ecologia da transformação. Petrópolis: Vozes, 2009.
- JONAS, H. **O princípio de responsabilidade**. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto Editora/Editora PUC Rio, 2006.
- KÜNG, H. Introdução: o debate sobre o conceito de religião. **Concilium**, Petrópolis, v. 22, n. 203, p. 5-10, 1986.
- KÜNG, H. **Projeto de ética mundial**. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1992.
- LIBANIO, J.B. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. Valencia: Siquem, 2001.
- LIBANIO, J.B.. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LUZ, L.A. **Carnaval da Alma**. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARCHESINI, R. Uma hermenêutica para a tecnociência. In: I. Neutzling – P.F.C. de Andrade (Org.). **Uma sociedade pós-humana**. Possibilidades e limites das nanotecnologias. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009. p. 153-182.
- MOREIRA, A. (Org.). **O capitalismo como religião**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.
- MOREIRA, A. ; LEMOS, C.T.;- QUADROS, E.G. (Org.). **A religião da mídia e a mídia da religião**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás - Gráfica e Editora América, 2012.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação**. As origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campos, 2000.
- RUBENS, P. **Discerner la foi dans les contextes religieux ambigus**. Enjeux d'une théologie du croire. Paris: Les Éditions du Cerf, 2004.
- SIBILIA, P. **O Homem Pós-Orgânico**. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SUNG, Jung Mo. **Idolatria do capital e a morte dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 1989.